

Experiências Compartilhadas



Experiências Compartilhadas



Comentários sobre as experiências
com *A Mensagem de Silo*

Compilação e Produção: Cristiane Prudenciano

Revisão do Texto: Ana Facundes

Diagramação e Capa: Yonne Gimenez

Foto: Rafael Edwards

Iniciativa: Comunidade da Mensagem de Silo Santo Amaro

Capa: *A imagem da capa do livro é do mirador do Parque de Estudo e Reflexão Punta de Vacas, entre Argentina e Chile. Para chegar ao mirador é necessário percorrer uma rota íngreme de subida. Chegando lá é possível visualizar todo Parque e todos seus elementos e as magnificas montanhas da paisagem local. No mirador foram lançadas as cinzas do corpo de Silo. Durante uma cerimônia após sua partida, o pó que representava o material de sua existência física foi lançado ao vento, ao espaço e ao mundo. Para nós, a nuvem da foto do livro Experiências Compartilhadas rememora lançamento das cinzas de Silo e representa a irradiação de sua mensagem por aqueles que foram tocados suas palavras, ensinamentos e convidados a vivenciar as cerimônias e agora testemunham seus relatos.*

Todos os direitos desta edição reservados à

Presságio Editora

www.pressagio.com.br

Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Experiências compartilhadas : comentários sobre o livro
A mensagem de Silo / Alexandre Cartes...[et al]. -- Santo
André : Presságio, 2019.
80 p.

ISBN 978-85-93158-71-1 - (impresso)
ISBN 978-85-93158-74-2 - (e-book)

1. Mensagens - Espiritualidade - Depoimentos 2. Humanismo
3. Desenvolvimento humano I. Cartes, Alexandre II. Silo,
1938-2010. Mensagem de Silo

19-1960

CDD 204.35

Índices para catálogo sistemático:

1. Mensagens - Depoimentos

Através de comentários sobre as experiências
com **A MENSAGEM DE SILO**, nas próximas páginas,
vários autores relatam seus testemunhos com temas como
o Sagrado, a Morte, a Imortalidade, a Força e Fé Interna,
a Reconciliação e a Transcendência.

Sumário

O legado de Silo11

Relatos..... 15

Silo no coração dos Simples

Alexandre Cartes17

Como me sinto na Mensagem de Silo

Claudio Prudente 21

Cerimônia de Assistência

Cristiane Prudenciano..... 23

*Não imagines que estás encadeado
a este tempo e a este espaço*

Cristiane Prudenciano..... 26

Disposição interna para a vida

Fran Santos..... 29

*O registro de pertencer a uma
Comunidade da Mensagem de Silo*

Fran Santos..... 32

A Beleza por referência

José Roberto Freire 35

*Experiências na Sala Sul de Minas
e na Salinha Butantã*

Maria Mendes 45

*Minha experiência com a meditação na
Comunidade Santo Amaro*

Marlene Silva 55

Sobre a Cerimônia de Morte

Moisés Valdebenito 57

Sobre o Princípio: "Quando tratas os demais como queres que te tratem, te liberás"

Moisés Valdebenito 60

Relato de irradiação da Mensagem de Silo em Recife, Olinda e Igarassu

Samuel Chaves 65

Experiências com a cerimônia de Ofício na oficina "Consciência Inspirada" UFPE, 26.03.13

Samuel Chaves 68

A Mensagem

Sandra Marangoni 71

O legado de Silo

Silo é um filósofo, pensador e, para muitos, um guia espiritual. Sua mensagem é simples e profunda ao mesmo tempo. Sua obra transcende todas as fronteiras, e seus seguidores estão presentes nas mais diversas culturas de todos os continentes.

Em 1969, começa a vida pública de Silo com dois fatos fundamentais: um discurso feito em 4 de maio, em um pequeno povoado aos pés dos Andes, situado na fronteira entre Argentina e Chile, chamado Punta de Vacas, diante de um pequeno público, que ficou conhecido como “A cura do sofrimento”. Nesse mesmo lugar, ele escreveu O Olhar Interior, livro que seria publicado em 1972. Ambos, o discurso e o livro, são a pedra fundamental de seu ensinamento. No primeiro, ele fala sobre a raiz do sofrimento: “(...) unicamente podes acabar com a violência em ti e nos demais e no mundo que te rodeia pela fé interna e pela meditação interna”, ao passo que, no livro, discorre sobre o verdadeiro sentido da vida: “Aqui se conta como o sem-sentido da vida se converte

em sentido e plenitude. Aqui há alegria, amor ao corpo, à natureza, à humanidade e ao espírito. Aqui se renegam os sacrifícios, o sentimento de culpa e as ameaças do pós-túmulo. Aqui não se opõe o terreno ao eterno. Aqui se fala da revelação interior a que chega todo aquele que cuidadosamente medita em humilde busca.”

Silo deu palestras, conferências e participou de encontros massivos nos quais expressou seus pontos de vista e ensinamentos a centenas de milhares de pessoas, do México a Bombaim, de Paris a Moscou, de Manila a Copenhague, em Sri Lanka e em Nápoles, Nova York e Quito. Por todo o mundo, simpatizantes acolhem suas falas de esperança, de possibilidade de mudança, de certeza de que o ser humano pode definitivamente tornar-se um verdadeiro ser humano, deixando para trás a pré-história de sofrimento, de niilismo, de violência. “Mas, apesar de tudo... apesar desse desgraçado enclausuramento, algo leve como um som longínquo, algo leve como brisa amanhecida, algo que começa suavemente desperta no interior do ser humano...”

Além disso, Silo foi o inspirador da nova corrente chamada Humanismo Universalista, linha de pensamento ao mesmo tempo plural e convergente, que faz frente à discriminação, ao fanatismo, à exploração e à violência.

Em 2002, nasce *A Mensagem de Silo*, organizada com base em um livro¹ de mesmo nome que contém três partes: “O Livro” (*O Olhar Interior*), “A Experiência” (oito cerimônias capazes de produzir inspiração espiritual e mudanças positivas na vida diária) e “O Caminho” (reflexões e sugestões sobre a vida pessoal, interpessoal e social). Os seguidores desse guia espiritual, desse sábio dos Andes, como tem sido chamado,

1 SILO. *A Mensagem de Silo*. São Paulo: Editora Presságio, 2018.

rapidamente formaram comunidades que propagam a Mensagem de Silo pelos quatro cantos do mundo.

Silo deixou este tempo e este espaço no dia 16 de setembro de 2010. Sua obra continua se desenvolvendo nos corações dos seguidores e influencia o mundo, mesmo daqueles que não o conheceram.

Relatos

Silo no coração dos Simples

Alexandre Cartes

Já há algum tempo pude viver por experiência A Mensagem de Silo se expressando e se manifestando no coração das pessoas que, por simplicidade e necessidade, buscam seu caminho e luz através do sagrado.

Por um bom tempo, estive na região Nordeste do Brasil, levando aos religiosos de outras doutrinas A Mensagem de Silo. Em templos sagrados, em centros místicos e em casas de pessoas interessadas nessa nova mensagem, apresentei Silo como um guia espiritual e sua Mensagem como uma nova possibilidade para os que buscam se aprofundar na experiência da luz e do sagrado.

Percebi que, para aqueles que buscavam e realmente necessitavam de algo novo e profundo, A Mensagem de Silo entrava em seus corações e em suas vidas como se bebe um copo d'água. Com simplicidade, com suavidade, sem questionamentos e sem a necessidade de grandes explicações teóricas sobre essa mensagem e esse novo caminho.

Experiências Compartilhadas

Tive a certeza de que Silo e sua Mensagem se expressam por vias sagradas, humanas e verdadeiras. Silo se expressa e chega ao coração dos Simples por experiência, necessidade e humildade.

Deixei o Nordeste do Brasil com a certeza de que Silo se manifesta e oferece sua mensagem e seu caminho aos corações simples e necessitados.

Já no Sudeste do Brasil, pude nesses últimos tempos viver uma nova experiência e a certeza da força e simplicidade de Silo e sua Mensagem.

Em visita à Sala da Mensagem no Sul de Minas, acompanhado por amigos que estão trabalhando por esse importante projeto, pude ver e experimentar A Mensagem e Silo se enraizando e ocupando espaço na vida simples e cotidiana de uma cidade. Um povo simples, religioso, que aos poucos e com verdade interna começa a ter Silo, sua Mensagem e seu espaço sagrado (a Sala) como parte de sua vida e seu dia-a-dia.

Ao chegar nessa cidade, Paraisópolis, que fica em uma região montanhosa no Sul de Minas Gerais, na região Sudeste do Brasil, pode-se ver no alto de um morro a Sala da Mensagem de Silo. Em meio a montanhas verdes, essa Sala: uma construção única, que se destaca por sua forma própria e distinta de qualquer construção sagrada naquele lugar. Isso, com certeza, para as pessoas desse lugar já é algo que impacta e motiva o interesse e curiosidade em saber o que é e o que acontece ali.

Dentro do ambiente da Sala, experimentei força, energia, suavidade e uma total conexão com a natureza e com a vida em si.

Mais tarde, indo para o centro da cidade, pude ver pessoas falando da Sala, tendo Silo e A Mensagem já como algo incorporado em suas simples e tranquilas vidas.

Fizemos contatos para divulgação do próximo evento na Sala, no dia 4 de maio, tendo boa recepção e apoio de muitos na cidade.

No dia seguinte, tínhamos marcado um encontro na Sala e teríamos uma cerimônia. Fomos buscar algumas pessoas em uma comunidade de Quilombolas (descendentes de escravos africanos no Brasil) e ali vivi a experiência que foi, sem dúvida para mim, a mais linda e significativa dessa visita à Paraisópolis.

Ali estavam pessoas humildes, simples, trazendo em seus rostos toda uma história. Ali estava a ancestralidade de um povo. Ali estava parte de nossa história, cultura, arte e religião. Ali, representado por pessoas lindas e simples, estava o clamor de um povo, o sagrado espírito humano de nossa raça, de nossa ancestralidade.

Fomos todos para a Sala da Mensagem e realizamos uma linda cerimônia de bem-estar. Dona Luzia, a matriarca dessa comunidade quilombola, nos fez respeitosamente uma oração em agradecimento e proteção. Nós, em perfeita comunhão, sagrada e profunda, fizemos a cerimônia de bem-estar, e ali se fez presente Silo e toda uma intenção humana e sua ancestralidade que busca a luz e um novo caminho para aqueles simples de coração.

Como experiência pessoal, posso afirmar que Silo e sua Mensagem estão para habitar a vida e o coração dos Simples. E é Simples assim.

Muita paz, força e alegria para todos!

Como me sinto na Mensagem de Silo

Claudio Prudente

Pense num lugar,
Um ambiente em que se reúnem pessoas que levam e
trazem
A Paz, a Força e a Alegria para todos!
Assim é A Mensagem de Silo.
Silo, Pensador da atual geração.
Silo, pensador da Nova Era, desmistifica a tradição mi-
lenar que dizia que:
“Um Grande Líder Espiritual, que um Avatar, que um
Herói não escreve seus próprios livros
e vai ao suplício, imolado e sacrificado em prol da hu-
manidade.”
No Caminho da Mensagem de Silo,
Reconheço que sou meu próprio líder,
Meu próprio senhor e dono de meu próprio destino.
Paz, Força e Alegria!!!

Cerimônia de Assistência

Cristiane Prudenciano

O sentimento de afeto que uma cerimônia como a de Assistência exige da pessoa que a realiza e os desdobramentos do ato de acompanhar a partida de um ser próximo e querido serão minha tentativa de descrever em palavras sensações e registros internos.

Presenciar, ver, tocar um ser querido em um momento vulnerável de sua vida, em um momento de enfermidade, é experimentar sensações ambíguas. Do desejo que aquela pessoa reestabeleça rapidamente sua condição saudável retomando seu cotidiano até o sentimento da angústia por não saber se serão seus últimos dias neste tempo e espaço.

Quando sabemos que a pessoa realmente vai partir é um momento de xeque de crenças. A morte em nossa cultura ocidental é carregada de pesar, de temores e, por vezes, de arrependimentos e culpas.

Para o acompanhamento desse momento, busquei concentrar todo o afeto possível, pensar em acompanhar com o

Experiências Compartilhadas

melhor de mim esse momento único que é a partida de uma pessoa para outro tempo. Depois do nascimento, a morte pode ser considerada um momento marcante na vida de alguém. A simples iminência da morte produz uma necessidade de sintetizar a importância daquela pessoa em nossas vidas, pensar em suas ações, seus acertos, relevar seus tropeços e focar no melhor que foi construído em sua trajetória.

Alegoricamente, acredito que quem conduz a cerimônia de Assistência seja como aquele que segura uma tocha que ilumina o caminho da pessoa querida até que ela encontre a luz total. A cada trecho abaixo, reproduzo como conduzi a cerimônia e expliquei alguns trechos, da minha maneira, ao meu companheiro que teve um aneurisma cerebral, guiando-o para o caminho para luz:

As recordações de tua vida são o juízo de tuas ações.

Recordar para seguir o caminho. Recordar para dar luz ao melhor que há em ti.

Recorda teus bons momentos, teus feitos, tuas virtudes, o senso de humor, as tantas pessoas que ajudou com palavras, com atos, com gestos de consolo, com uma chamada de atenção ou um sorriso.

Rechaça o sobressalto e o desalento.

Nessa viagem que começa agora, agradeça todos os momentos felizes e sinta-os de forma leve, sem susto, nem tristeza.

Rechaça agora o desejo de fugir para regiões obscuras. Rechaça agora o apego às lembranças.

Passo a passo, as lembranças de todos seus feitos irão aparecer. Não se prenda a momentos tristes ou projetos in-

completos. Não se apegue às lembranças, por melhores ou piores que sejam.

Permanece agora em liberdade interior, indiferente ao devaneio da paisagem.

Todas as pessoas que te amam estão te acompanhando nesse caminho, imagens delas virão, pois estão vibrando por você. Mas se for chegado o momento, e só você o saberá, siga, siga para a luz. Segue livre.

Não temas a pressão da força que te afasta de seu centro luminoso, cada vez mais fortemente. Absorve-a como se fosse um líquido ou um vento.

Essa luz que virá, sinta como se fosse um vento e engula como se fosse o mais saboroso líquido existente.

O acompanhamento da partida de um ser querido me concedeu a certeza da conexão que temos com outros espaços ou “mundos”, além de representar um profundo ato de coerência interna. Todos os momentos desse acompanhamento, nas várias cerimônias de Assistência que realizei, me colocavam em contato com ele, a partir de outro lugar interno. Me emocionou muito esse contato, essa constatação da ilusão paradoxal do que é a vida e do que é a morte.

Os sonhos e acontecimentos posteriores reafirmaram que a morte do espírito não existe. Não houve espaço para a tristeza, a dúvida, o ressentimento. A relação continuou de outra maneira, desdobrou-se em recordações, novas relações de companheirismo e amizade ao redor de sua partida, como um renascimento, como um ressurgimento, uma nova página. Os planos compartilhados continuam...

*Não imagines que estás encadeado
a este tempo e a este espaço*

Cristiane Prudenciano

Após dois dias da morte de meu companheiro Celso, tive um sonho com ele. Eu o via com uma pequena multidão extremamente falante. Entre nós, havia um vidro grosso e transparente que nos separava. Através do vidro eu conseguia vê-lo com detalhes. As imagens eram muito nítidas. Comecei a chamá-lo. Ele estava entre outras pessoas e não me ouvia. Então, passei a gritar seu nome várias vezes, sem êxito.

Passei a observar as cenas que se seguiram. Ele conversava com a multidão, mas não era possível escutar o que ele dizia. Em seguida, ele começou a organizar as pessoas em uma fila, uma pessoa atrás da outra, todas elas viradas para mim. No entanto, parecia que elas não me enxergavam, mas fixavam o olhar em minha direção. Ele estava ocupado, dando orientações a cada uma delas. Elas ouviam atentamente e depois viravam para frente. Quando todas as pessoas esta-

vam organizadas, houve um grande silêncio e ele olhou em minha direção, mas não me disse nada. Foi quando acordei.

Alguns dias se passaram depois desse sonho. O registro que tive foi de que havia uma barreira de comunicação, mas que ele queria me transmitir alguma mensagem.

Voltei a trabalhar na instituição de educação onde sou professora. Meus alunos têm de 15 a 24 anos. Os primeiros dias foram difíceis, porque os estudantes ficavam sem jeito para perguntar como eu estava e, quando algum deles perguntava sobre meu estado de ânimo, era impossível não me caírem lágrimas ao relatar como foi a partida dele. Chegou a quarta-feira e, no período da tarde, eu iria ministrar a aula para a turma 68, que era uma turma querida, estudantes muito alegres e ao mesmo tempo suaves. Gostava muito das aulas das quartas à tarde porque sabia que seriam aulas proveitosas, pois pessoas maravilhosas estavam na turma. Ao mesmo tempo, os alunos e alunas eram de muita simplicidade, possuíam bom senso, comprometimento e alguns tinham uma maturidade que não condizia com a juventude que vivenciavam. Esses elementos me faziam refletir que a bagagem de vida que tinham deveria estar repleta de experiências marcantes que, de certa forma, aceleraram a percepção da vida, das relações e do mundo. Essa vivência que tiveram antes do curso, onde os conheci, contribuiu para que desenvolvessem atitudes de solidariedade, bondade, companheirismo e valorização do contato uns com os outros. Cada um, a seu modo, tinha uma abertura para o novo, valorizavam estar vivendo aquele momento, o que tornava a aula um grande prazer e um aprendizado coletivo. Em síntese, as pessoas dessa turma eram especiais. Pensei que me receberiam com tranquilidade e conseguiria ministrar a aula sem grandes problemas, imprevistos ou desconfortos.

Experiências Compartilhadas

No horário determinado eu me encaminhei para a sala, mas antes de me aproximar da porta já era possível ver uma fila. Um aluno atrás do outro, em uma fila indiana, e cada um deles veio me ao meu encontro para me abraçar. Acrescentado ao abraço acolhedor, cada um me dizia uma frase: “meus sentimentos, professora”, “conta conosco, professora”, “você não está sozinha”, “seja forte”, “estamos aqui”, “não fique triste”... E eram tantas as palavras que me acalentaram naquele dia que eu fiquei tão emocionada e tive a certeza que aquela era a mensagem que o Celso queria me enviar. Imediatamente recordei do sonho e percebi que aquela era a fila de pessoas que ele tinha organizado. O registro de proteção, acompanhamento, amor e gratidão que senti durante aqueles abraços e por outras pessoas que me ampararam, me emocionam até hoje, no ato de rememorar, relatar e escrever essas passagens da minha vida. E, naquele momento, me lembrei da frase do livro *A Mensagem de Silo* e tudo me fez sentido: **“Não imagines que estás encadeado a este tempo e a este espaço”**.

Estamos cercados de pessoas maravilhosas, de possibilidades maravilhosas, de **signos do sagrado**, que, se não estamos atentos, não percebemos, nem deciframos. A urgência do cotidiano, as ilusões, os temores, por vezes, nos afastam desses registros. Não posso falar por outras pessoas, somente pela minha experiência, que é a minha verdade. Nem posso impor minha verdade a outros. Porém, tenho experimentado a conexão com a bondade das pessoas e com as possibilidades de confirmação da transcendência, o que me faz reafirmar a certeza da comunicação com pessoas e situações que estão em outros espaços e outros tempos.

Disposição interna para a vida

Fran Santos

Em um de nossos encontros da Mensagem, lemos o capítulo 2 do livro, “Disposição para Compreender” e nesse dia foi como se encaixasse pra mim pela primeira vez a palavra **disposição**.

Foi como abrir um espaço para essa palavra, para que ela encontrasse uma pequena abertura e começasse a fazer sentido dentro de mim.

Depois desse dia de intercâmbio, essa palavra ficou reverberando em minha mente e, desde então, vem surgindo uma certa disposição para compreender.

Comecei a observar que realmente para tudo necessitamos de uma disposição e que para alguma mudança ocorrer precisamos estar dispostos.

E, para entrar nessa disposição, comecei a registrar que necessitaria de uma sintonia, uma sintonia com a mente,

Experiências Compartilhadas

com o coração e com o corpo. Necessitaria de um alinhamento, assim como o alinhar de um instrumento para se ouvir a música.

E, lendo mais um pouco nosso livrinho da Mensagem, tão cheio de sentido, registrei que seria como o explicado no capítulo 14, “O Guia do Caminho Interno”: “(...) assumir uma posição mental mais ou menos correta (como se fosse uma disposição para uma atividade técnica) não é o mesmo que assumir um tom e uma abertura emotiva próxima àque-la que inspiram os poemas”.

Também me veio a imagem de uma pequena fresta, como a de uma porta entreaberta, por onde entra um pouco de luz. Essa imagem, toda vez que surge, me transmite certa calma e certa força.

Então, ultimamente, quando tento buscar minha disposição, busco essa imagem, essa luz que vem acompanhada de um calor, um calor agradável e reconfortante, que me acalma e me traz um pouco de silêncio.

E essa pequena descoberta da disposição está se tornando algo grande em minha vida nos últimos tempos. Vem me colocando em outra sintonia com a vida. Vem me puxando para dar outra resposta, que não é somente a automática. Sinto certo espaço interno, como uma distância entre o que há fora e o que há dentro de mim.

E, para as situações de dificuldade enfrentadas nos últimos tempos, venho me sentindo acompanhada pela pergunta: “estou disposta para este assunto, para este tema, para esta situação ou até mesmo para esta pessoa?”

E tento buscar a resposta... uma resposta de verdade comigo mesma que não preciso dizer ao outro, mas que preciso responder com sinceridade.

A busca pela disposição vem me trazendo um pouco mais para dentro, vem me trazendo um pouco mais para a atenção, vem me trazendo certo olhar para a minha conduta e para a minha coerência.

Sinto que esta disposição é um dos componentes para abrir a fresta desse meu mundo interno.

O registro de pertencer a uma Comunidade da Mensagem de Silo

Fran Santos

Nunca antes havia pensado e refletido sobre a palavra comunidade. Repetia muitas vezes que participo de uma Comunidade da Mensagem, mas apenas como uma palavra qualquer, sem muito significado e, de um tempo para cá, essa palavra vem ganhando uma profundidade muito maior do que imaginaria.

Hoje em dia, cada vez que repito que faço parte de uma Comunidade, essa palavra vem carregada de um alegre sentir, de um alegre pertencer, de um alegre acompanhamento, de uma alegre disposição para estar.

Comecei a buscar o que significava fazer parte de uma Comunidade. E, aos poucos, fui tentando localizar internamente o que isso me trazia e ao que essa palavra me remetia.

A primeira imagem que me veio foi a das aldeias indígenas... me parecia que lá seus componentes se ajudavam uns aos outros, cada um dentro de sua atuação, me transmitia

que pensavam no conjunto e não só isoladamente. Me veio também a imagem de pequenos povoados e de coletivos.

Esse pensamento me trouxe um conforto e me deu uma compreensão melhor, um entendimento melhor do que estamos construindo nas Comunidades da Mensagem de Silo.

Sinto hoje fluir melhor, até quando repito que faço parte de uma Comunidade, quando expresso essa palavra, ela vem um pouco mais robusta, vem carregada de futuro, vem carregada por muitas pessoas, vem carregadas de muitas cores e muitos sentires.

E esse pertencer a uma Comunidade está me fazendo refletir sobre o sentido de “quem sou”, “onde estou” e “com quem estou”.

Esse “quem sou” é me dar conta desse universo dentro de mim, universo de certezas, esse universo de dúvidas, esse universo de experiências vividas e do que tenho para viver...

E esse “onde estou” me traz o pertencimento, pertencer a um coletivo, pertencer a uma cultura, pertencer à humanidade. Me traz também registrar que estou inserida em um tempo e em um espaço. E que estou dentro de uma Comunidade.

E esse “com quem estou” me faz registrar que estou cercada por seres humanos, por pessoas que, assim como eu, desejam aprender, desejam superar suas dificuldades, que procuram fortalecer sua unidade, que procuram ser felizes. Esse “com quem estou” enche cada dia mais meu coração, me recorda que não estou só nesse espaço e nem neste tempo.

Participar da Comunidade da Mensagem de Silo está me trazendo uma profundidade de coletivo, de que juntos podemos avançar e nos ajudar, cada um com a sua virtude, com seu mundo interno e com esse universo de possibilidades.

Experiências Compartilhadas

Estar nessa Comunidade me traz um profundo agradecimento pelo aprendizado de registrar que não estamos só e de que juntos somos mais fortes. Mais fortes para superar essa incoerência do mundo, essa individualidade, porque juntos podemos criar uma outra sensibilidade, uma outra percepção, um outro registro mais humano.

A Comunidade está me ajudando a romper minhas limitações mentais, está me ajudando a reconhecer a diversidade, a intencionar essa abertura de um outro olhar que não é só o meu. Está me ajudando a reconhecer o que temos em comum, o que nos une... mesmo cada um em suas crenças, em sua cultura, em seu modo de ver e estar no mundo.

Hoje registro a certeza de que juntos podemos construir uma sintonia, de que juntos podemos compreender melhor esse mundo, viver melhor nesse mundo e deixar o melhor para esse mundo.

Sinto que participar de uma Comunidade, que antes parecia algo tão pequeno, está se tornando cada dia mais profundo, está mudando um pouco mais a minha consciência, o meu coração e o meu fazer no mundo.

Agradeço profundamente à Comunidade de Santo Amaro por me ajudar nesse processo de reconhecer o que há de sagrado em mim e no outro!

E para encerrar... pertencer a uma Comunidade da Mensagem é **não imaginar que estou só em meu povoado, em minha cidade, na Terra e nos infinitos mundos.**

A Beleza por referência

José Roberto Freire

O texto destacado em **negrito** são referências extraídas da Mensagem de Silo.

Certas **experiências** me fazem **suspeitar** que existe um sentido e um **modo novo de ver a realidade**. **Raras vezes percebo o real de um modo novo** e, quando isso acontece, sempre **agradeço imediatamente** e profundamente pelo vivido. Já nos momentos difíceis, não deixo passar a necessidade de solucionar algo sem fazer um Pedido interno, então recordo o caminho interno que me leva ao encontro com esses registros luminosos guardados no coração e, a partir dali, **peço** pelo melhor desenlace para as situações difíceis vivenciadas por mim ou por alguém próximo. Sinto que há no Pedido e no Agradecimento **uma forma de dirigir ou concentrar a força**. É a **ação ou reação da força**, que atua segundo seja a necessidade.

Em relação ao agradecimento, sempre agradeço internamente e, às vezes, também tomo nota dessas experiências em um caderno para me certificar de que ali tenho fontes fi-

Experiências Compartilhadas

dedignas. Percebo que, ao tomar nota e agradecer no mesmo instante ou imediatamente, consigo conferir maior grau de certeza por experiência àquilo que estou vivenciando e registrando naquele instante. São experiências muito breves que ocorrem às vezes na velocidade de um **raio** e, se deixo para agradecer ou anotar depois, já não é mais a mesma coisa – dá lugar à sombra da dúvida.

Depois de reunir algumas experiências escritas no caderno, comecei a perceber que havia algo em comum entre elas, algo que só agora relaciono ao argumento da Beleza, que às vezes impressiona meus sentidos, tira do cotidiano o meu olhar e me ensina a **ver e compreender a realidade de um modo novo** -- é a **suspeita do sentido** da vida.

Em relação ao sentido da vida, experimento uma suspeita que convive com os **altos e baixos**, os avanços e retrocessos, e é precisamente ali nos momentos de maior profundidade que essas experiências ocorrem e carregam de significado a minha existência – essa carga afetiva levo comigo na memória do coração.

Essa atenção para com a memória tem muito significado para mim, já que às vezes o **sem-sentido** não é senão um esquecimento. Percebo o quanto a experiência da compreensão está ligada ao que tenho guardado na memória. Se um ressentimento cai no esquecimento, corto ali minhas possibilidades de compreender a situação, **de reconciliar-me** e seguir adiante e, assim, impedido de seguir adiante, **creio** não saber **para onde ir** e esse é o **sem-sentido** da vida.

Nesse sentido, a **Reconciliação** é para mim uma experiência de **revelação interna**, de ver as coisas com um novo olhar, desvelando esse sentido que poderia estar esquecido, falseado, adormecido. É como **despertar** de um sonho que só

sei que era um sonho quando o sonho fracassa. Aí desperto, não antes. **Raramente, percebo o real de um modo novo e, então, compreendo que aquilo visto normalmente parece com o sono ou com o semissono.** A reconciliação desperta o olhar, cura, regenera, restaura. A reconciliação transforma, ilumina a compreensão. A reconciliação **converte** o sem-sentido em sentido.

Por tudo isso... Pedir, agradecer, tomar nota, testemunhar essas experiências me ajudam a carregá-las sempre vivas na memória são oportunidades para recordar. E que beleza é poder compartilhar experiências inspiradoras, quando isso é consequência de um **compromisso de trabalhar pela melhoria da minha vida e da vida do próximo.**

Então, poderia sintetizar todo o anterior dizendo que o interesse desses comentários sobre A Mensagem de Silo é agradecer, tomar nota, meditar e testemunhar algumas experiências de inspiração espiritual relacionadas à Beleza, ao sentido da vida e ao reconhecimento do Sagrado.

“Segue o modelo daquilo que nasce...”

A **experiência** mais recente que tenho anotada no caderno é algo que realmente **me deu o que pensar** por vários dias e é, além disso, a que me levou a relacionar minhas anotações anteriores com a Beleza. Os pensamentos que se sucederam depois dessa experiência não partiam de uma mera curiosidade, senão de uma **real necessidade** de compreender em profundidade aquilo que eu acabava de vivenciar e todo o anterior que tinha anotado.

Estava a caminho da Sala da Mensagem de Silo no Sul de Minas e no meio do caminho parei um instante para admirar

Experiências Compartilhadas

uma árvore coberta de flores cor laranja que se destacava na relva verde do pasto. Segui o caminho em direção à Sala e, após uma experiência de **Bem-Estar**, uma frase começou a ecoar em meus pensamentos. A frase vinha do livro *A Paisagem Interna*, do capítulo “A Pergunta”, que em determinado momento diz assim: “segue o modelo daquilo que nasce”.

“I. A Pergunta

1. Eis aqui minha pergunta: à medida que a vida passa, cresce em ti a felicidade ou o sofrimento? Não peças que defina essas palavras. Responde de acordo com o que sentes...
2. Ainda quando sábio e poderoso, se não crescem em ti e em quem te rodeia a felicidade e a liberdade, rejeitarei teu exemplo.
3. Aceita, em troca, minha proposta: segue o modelo daquilo que nasce, não o do que caminha para a morte. Salta por cima de teu sofrimento e, então, não crescerá o abismo, mas sim a vida que há em ti.
4. Não há paixão, nem ideia, nem ato humano que possa se desentender do abismo. Portanto, trataremos do único que merece ser tratado: o abismo e aquilo que o ultrapassa.”

Saí da Sala muito reflexivo depois dessa experiência de **Bem-Estar** e, caminhando com essa frase em meus pensamentos, decido voltar ao lugar onde estava a árvore. Queria vê-la de perto. Chego ao lugar e fico observando-a por uns instantes, então, me dou conta de que não é a flor que havia me atraído, mas sua Beleza, e a Beleza que eu atribuí àquela flor se completou com a frase em meus pensamentos. Para

mim estava ficando claro que ali havia um modelo daquilo que nasce. Isso foi um instante de inspiração que não durou mais que a velocidade de um **raio** e que me levou a meditar sobre essa frase por vários dias. Por um instante parecia ter compreendido **o plano** daquela flor no **caminho**.

Em tudo que existe vive um plano

É primavera e a substância ativa desloca-se do interior da matéria dirigindo-se à parte mais externa, **segue por um corredor estreito e sinuoso** até aflorar, toma forma, cor, odor... torna-se flor que guarda em seu interior o néctar, a vida. A substância sob a forma de flor (dito do modo Aristotélico) estabelece novas relações com seu meio imediato, há uma relação de complementação entre a planta e seus polinizadores, uma relação de “amor”(?) na qual os polinizadores aderem à uma forma de “beleza”(?) que exerce sobre eles uma força de atração irresistível para o processo da fertilização, de procriação, **uma força que não encontra resistência à sua passagem**: é a irradiação da vida e da beleza.

Dizer que a beleza da flor é um modo de relação da substância com o meio em que ela vive equivale dizer que outros eram os modos utilizados pela vida vegetal para seguir sua locomoção e expansão. Seguindo uma genealogia do reino vegetal até os tempos primordiais, enquanto não haviam surgido ainda outros seres vivos capazes de cumprir a função de polinização, a vida vegetal reinava soberana sobre a face da Terra. A polinização pelo vento, por exemplo, prescinde da “beleza” e adota a forma da “leveza” para tomar impulso através do vento (caso de gramíneas). A origem da beleza, no caso da flor, marca, portanto, o início dessa relação entre mundos no qual o vegetal passou a coexistir com outras

Experiências Compartilhadas

formas de vida animada, não vegetais. (sistema de datação). Sabemos que essa relação teve início com as polaridades entre o frio do inverno e o calor do verão. A primavera ocorre na transição do frio para o quente, enquanto o outono marca uma transição no sentido oposto do quente para o frio.

“Uma intenção evolutiva dá lugar ao nascimento do tempo e à direção deste Universo. Energia, matéria e vida evoluem para formas cada vez mais complexas. Quando a matéria começa a se mover, nutrir e reproduzir surge a vida.”

As formas da “beleza” multiplicaram-se sem cessar no reino vegetal, que segue sua evolução a partir de uma substância primordial, evoluindo para formas cada vez mais complexas. E quanta beleza e amor residem no fato de que o reino vegetal tenha gestado durante milênios as condições que dariam origem à vida animada (nossa vida) como uma gestação da grande mãe natureza. Ao observar esse acúmulo de condições primordiais que reuniam em si os elementos essências para o florescimento da vida, algo dessa intenção evolutiva fica manifesto: um Amor precede o surgimento da vida animada.

Visto desse modo, a mãe natureza é a grande mãe, não apenas porque ela gestou as condições para o surgimento e crescimento de nossa vida física, fornecendo os alimentos, os nutrientes, o ar que respiramos, a água... mas também porque foi a partir dela que começamos a observar o sentido, o plano que vive em tudo que existe e a estabelecer novas relações. Foi a partir da observação dos ciclos de nascimento, crescimento, morte e renascimento das plantas que estabe-

lecemos uma relação mística com a natureza. Essa é a *genealogia do pensamento relacional*. Essa forma de pensar, observando o Plano que vive fora de mim e relacionando-o com minha própria vida, a observação desses ciclos, vai moldar os mitos pré-agrícolas. Na gênese desses mitos há uma espiritualidade ligada à vida e à natureza.

Em síntese, em tudo que existe vive um plano. A observação do plano vivente na natureza forneceu os primeiros modelos para a superação da morte, para a transcendência, **nutriu nossas melhores aspirações** na busca pela imortalidade... seguindo o modelo daquilo que nasce.

O campo e a cidade

Foi desse modo que me aproximei das origens da vida no campo e, desse contato com a natureza, o contraste de paisagens entre o campo e a cidade (onde vivo) começou a ficar muito mais claro para mim. Isso teve início quando comecei a peregrinar para o Sul de Minas Gerais, Serra da Mantiqueira. Não é só a questão do contato com a natureza, mas todas as copresenças da vida no campo. As pessoas têm outro ritmo, outra forma mental, outra visão de mundo, outros valores, como a amizade, a simplicidade, a paisagem humana do campo. Tudo isso atuando em contraste com “minha paisagem” me fez rever minha própria forma de vida e o quanto a aceleração da cidade influi sobre esse estilo de vida. A relação de **dependência** do meio em que vivo estava começando a ficar mais clara para mim. Essa necessidade de rever minha paisagem de formação, a princípio não me pareceu tão fácil e tão óbvia, porque sempre aparece aquela tendência em dizer que aquilo que não coincide com meu ponto de vista é o que precisa ser mudado, e é sempre o outro que está errado (?),

Experiências Compartilhadas

mas minha forma de pensar, sentir e agir está certa (?). Agindo assim, por vezes saía feliz e voltava frustrado das peregrinações. **“Sou variável e dependo da ação do meio. Quando quero o mudar o meio ou meu “eu” é o meio que me muda. Então, busco a cidade ou a natureza, a redenção social ou uma nova luta que justifique minha existência.... Em cada um desses casos, o meio me leva a decidir por uma ou outra atitude. Dessa maneira, meus interesses e o meio aqui me deixam.”**

Finalmente, me dei conta de que estava arrastando minha paisagem da cidade para o campo, e que essa era a raiz do conflito. Precisava mudar meu olhar e aprender a ver de um modo novo porque aquela não era “a minha paisagem”. A visão de mundo a partir do campo é diferente. Eu poderia descrever esse modo novo de ver de uma forma bem simples: aquilo que antes era contraste tornou-se um complemento essencial, e a inauguração da Sala foi para mim uma síntese de todo esse processo de aprendizagem.

“Ao redor de Silo há uma vida de relações, relações de amizade que nasceram, cresceram e dão frutos. A Sala é o fruto de uma ação entre amigos, uma ação solidária, coerente, uma ação válida com muito sentido e significado para nós. É um símbolo da amizade entre os povos à semelhança da imagem que temos do futuro, de um lugar para celebrar a amizade entre os povos, a querida imagem da Nação Humana Universal.”

(A Mensagem de Silo - Sala Sul de Minas - síntese conjunta da inauguração)

Desse modo, aprendi por experiência e meditação o real sentido de uma “peregrinação”: se para onde vou levo comigo minha paisagem, junto com ela o arrasto traz pré-juízo.

O arrasto de uma paisagem traz pré-juízo à peregrinação no sentido em que não se pode enxergar novos horizontes, até que não se abandone o caminho que ficou pra trás. Para mim, essa compreensão ressoa com o recomendado no Guia do Caminho Interno: “**permanece em liberdade interior, indiferente ao devaneio da paisagem, com resolução na ascensão.**”

Desse modo, me aproximei do sentido da real peregrinação: seguir o modelo daquilo que nasce; as dificuldades do caminho como ponto de partida para as compreensões; saber Pedir; saber Agradecer; não arrastar paisagens; reconciliar-me; indiferente ao devaneio da paisagem, com liberdade interior e conservar a resolução na subida.

Experiências na Sala Sul de Minas e na Salinha Butantã

Maria Mendes

O ano era o de 2017 da era cristã. Chego à cidade de Paraisópolis, no Estado de Minas Gerais, localizado na região Sudeste de um país da América do Sul denominado Brasil e me deparo com uma construção nada convencional. Emoldurada por um lindíssimo céu azul turquesa e um pasto verde com inúmeros animais tranquilamente pastoreando, estava a Sala Sul de Minas. E foi lá que tudo começou.

Eu não conhecia absolutamente nada sobre A Mensagem de Silo, tampouco sobre o Movimento Humanista. Fui convidada por um amigo, cerca de um mês antes, a participar de um encontro que seria realizado na “salinha” Butantã. Ele também não soube me explicar o que seria, mas resolvi segui-lo. Quando lá chegamos, fizemos uma cerimônia de Bem-Estar e, no final, nos foi feito o convite para conhecermos a Sala Sul de Minas durante os dias de Carnaval. Foi assim que cheguei até o encontro em Minas Gerais: sem ne-

Experiências Compartilhadas

nhum conhecimento sobre o assunto, mas com muita vontade de saber e sentir o que existia por lá, pois a cerimônia de Bem-Estar da qual havia participado tinha me deixado com esse desejo.

Em uma das atividades propostas, nos foi solicitado que fechássemos os olhos e voltássemos o olhar para dentro de nós mesmos, buscando ver nossa luz interior. Ao fazer esse exercício, me deparei com algumas sombras, alguns medos, alguns ressentimentos e algumas outras coisas que já não cabiam dentro das “gavetinhas” do meu inconsciente e estavam loucas para sair de lá. Uma dessas situações era a minha relação com meu pai, ou melhor dizendo, a descoberta que o meu consciente havia feito naquele momento, de que, sim, eu tenho pai!

Ao retornar da atividade e abrir os olhos, achei que algo no mundo exterior havia mudado. Será que, enquanto eu estava de olhos fechados, alguns extraterrestres mudaram tudo e todos que estavam no planeta Terra? Será que eu não estou bem e por isso as coisas ao meu redor estão tão diferentes? Foram perguntas que ficaram ecoando em minha cabeça durante o resto do encontro que durou todo o fim de semana.

Fase da ignorância

Durante 41 anos de minha experiência neste planeta, na qualidade de um ser da espécie humana em constante desenvolvimento, simplesmente ignorei a presença de meu pai como alguém que fizesse parte desse processo. Não que eu me negasse a falar sobre ele, simplesmente ele não existia na minha vida de maneira consciente.

Minha história nesta existência começa quando minha mãe, D. Dalva, teve um romance avassalador com o Sr. Carlos, meu pai. Ao perceber que estava grávida, minha mãe fez o anúncio oficial ao meu pai de que ele seria agraciado com um(a) herdeiro(a). Meu pai, então, resolve “girar o leme” do seu barco para outros mares, partindo para nunca mais voltar, deixando a honra de receber esse presente (que sou eu) apenas para a minha mãe.

Essa criança cresceu e, por amor, a mãe assumiu para si todos os dissabores desse relacionamento amoroso entre sua mãe e seu pai, sentindo as dores de um coração partido que sofre, sentindo a dor do abandono e sem entender que na vida tudo está exatamente como tem que ser.

Minha mãe nunca falou muita coisa sobre meu pai, simplesmente que ele havia nos abandonado, pois era um homem “safado”. Este era o único adjetivo que eu conhecia do meu pai. Então, como forma de defesa, adotei a estratégia de simplesmente apagá-lo da minha vida e, quando me perguntavam sobre ele, a resposta era sempre a mesma: “Eu não tenho pai”.

Fase da descoberta

Logo que voltei do encontro na Sala Sul de Minas, após o exercício que me fez ver o mundo com lentes especiais, percebi que não seria possível retroceder ao estágio da ignorância. Eu havia aberto uma gaveta equivalente à caixa de Pandora e agora seria necessário enfrentar tudo o que veio à tona.

A essa altura, eu já admitia a existência de meu pai, mas os sentimentos que nutria em relação a ele eram de raiva pelo

Experiências Compartilhadas

abandono, indignação pela injustiça cometida e cobrança por ele ter ido embora e nos deixado. Muitas lágrimas acompanharam essa fase, momentos de sofrimentos que, pela intensidade, chegavam a doer no corpo físico.

Foram dias de mergulhos interiores muito profundos no lamaçal de ressentimentos e dor em que meu coração estava envolto. Além de ser algo muito novo, o fato dessa descoberta gerou feridas que agora estavam abertas e sangrando em busca de um bálsamo para aliviar tais sofrimentos. Nunca havia me dado conta de que essa relação desarmônica entre meu pai e eu refletia na minha vida de forma tão intensa, a ponto de que algumas das atitudes que tinha e o modo como pensava ou via a vida estavam sendo guiados por essa relação.

Comecei uma busca por informações que pudessem me levar a esse encontro. Tive algumas conversas extremamente difíceis com a minha mãe, com o intuito de que ela pudesse me ajudar, e outras tantas conversas com pessoas que conheceram meu pai, mesmo que rapidamente. Qualquer informação nesse momento era algo extremamente importante para mim. Obtive alguns relatos, porém, coisas muito superficiais que em nada ajudaram a aliviar meu sofrimento. Pelo contrário, a angústia só aumentava, as lágrimas já saíam com maior intensidade só de pensar no assunto, e a desesperança só crescia. Até que percebi que essa estratégia não seria eficaz.

Percorri muitas estradas em busca dessa cura, muitos foram os auxílios recebidos de pessoas que me amam e amigos queridos, seres muito especiais que com um bate-papo em uma mesa de café, indicação de leituras ou simplesmente com a sua escuta me auxiliaram nessa jornada. No entanto, mesmo tendo plena convicção de que nunca estamos sozi-

nhos, esse era um caminho solitário, que somente eu poderia trilhar, pois essa estrada ia em direção ao profundo de minha alma, aos rincões mais distantes do meu ser. Era uma busca pelo que não é visível aos olhos, mas sentida pelo coração. Estava em busca da cura para aquele sofrimento, e essa cura se chamava Reconciliação.

A Reconciliação

Comecei, então, a não mais procurá-lo no mundo visível. Comprei uma passagem somente de ida para o mais profundo de minha alma em busca de meu pai. Era lá que precisava encontrá-lo, pois minha razão já o aceitava como meu pai, mas meu coração ainda não.

Foi uma viagem muito lenta por estradas muito frágeis que faziam com que cada passo fosse dado com medo de que tudo desmoronasse e a viagem chegasse ao fim. No entanto, com pequeninos avanços dados diariamente fui percorrendo o caminho que gradativamente foi ficando mais seguro. Algo estava mudando dentro de mim.

Algumas compreensões que escapavam ao meu entendimento racional e passaram a ser sentidas pelo meu emocional foram muito importantes nesse processo de cura. Uma delas foi aceitar que o que aconteceu entre minha mãe e meu pai não faz parte dos meus problemas, pois eles são dois seres adultos capazes de resolver suas vidas da forma como melhor entenderem e eu sou apenas filha deles; aceitar que todos estamos em processo de evolução e por isso não se pode julgar ninguém por suas escolhas; aceitar que meu pai ao ir embora fez a escolha que ele entendeu ser a melhor naquele momento; aceitar que cada um tem aquilo que

Experiências Compartilhadas

precisa, e eu tenho o pai e a mãe certos para que possa ser quem sou hoje, ciente de que a ausência física dele e todas as suas consequências me trouxeram ensinamentos valiosos que formam o meu ser.

O ano de 2017 foi muito intenso e a impressão que tive é que vivi décadas em menos de 11 meses. É, então, que aterrisso no ano de 2018 e logo no segundo dia embarco para Punta de Vacas, cidade localizada na região de Mendoza na Argentina, para uma peregrinação ao Parque de Estudo e Reflexão.

Esse lugar, com uma paisagem totalmente diferente de tudo que já tinha visto, é realmente inspirador para aqueles que buscam ouvir o que os ventos dizem e sentir a vibração que vem das montanhas. O mergulho feito ao me transpor por aqueles portais fez com que a frase dita por Silo ficasse ecoando em minha mente: **não imagines que estás preso a este tempo e espaço.**

Realmente, ao entrar no Parque parece que somos transportados a uma dimensão diferente daquela deixada do lado de fora.

Conheci pessoas com muita vontade de se encontrar e se curar de sofrimentos, ouvi relatos de experiências muito profundas, histórias de vida repletas de alegrias, mas também de dissabores, assim como existe aqui no Brasil, fato que cada vez mais me fez compreender que não existe barreira geográfica para o sentimento humano. Muitos foram os sorrisos e as prosas pelos vários cantinhos do Parque. Em nossa cabana, a animação era constante e, em um desses momentos de conversação profunda, temperada sempre com pitadas de bom humor, surgiu o tema referente à experiência guiada. Eu não conhecia essas experiências e fiquei muito interessada em participar.

No dia seguinte lá estava eu, sentada em um dos cantos do Parque de Estudo e Reflexão, acompanhada por alguns amigos, pronta para participar dessa experiência denominada “A criança”.

A proposta dessa experiência era que, após um profundo relaxamento, nos deixássemos ser guiados através de uma história contada por uma espécie de facilitador. As imagens projetadas em nossa tela mental é que trariam o material a ser refletido ao término da experiência. De modo geral, a solicitação é que deixássemos vir à tona algum tipo de injustiça que tivéssemos sofrido durante a infância.

A experiência foi se desenvolvendo e as imagens foram surgindo em minha mente: a entrada da casa com os leões, o homem com chapéu e eis que, de repente, seguindo o comando de me imaginar com aproximadamente 10 anos, vejo (na condição de expectadora) uma menina com cerca de dois ou três anos de idade em um lugar com um imenso gramado verde, cercado por árvores que formavam uma espécie de semicírculo muito grande. O sol brilhava de maneira especial, sua luminosidade era tão intensa que, ao tocar o chão coberto de grama, esta devolvia a luminosidade para cima, em uma intensa troca de luz que fazia com que o ambiente possuísse um clima inexplicável.

Eu corria por esse gramado dando aquelas gargalhadas que as crianças dessa idade dão quando fazemos cócegas nelas. Corria, ziguezagueando e sorrindo. Em dado momento, ao meu lado surge a figura de um homem muito alto, magro, vestido com uma calça bege. Não consigo ver o rosto dele, mas ele segurava a minha mão, corríamos e brincávamos juntos. Então, paramos um ao lado do outro e, nesse momento, já não mais via o homem ao meu lado, mas uma espécie de

Experiências Compartilhadas

concentração de luz sem forma humana, mas que de alguma forma eu sentia que estava segurando minha mão. Nesse momento, percebo que já não mais estou na condição de expectadora da cena. É como se aquelas imagens não estivessem na minha mente, e sim como se eu estivesse realmente com dois anos de idade e olhando aquela energia condensada que estava ao meu lado e que de forma não verbal me dizia: “vai”. Sinto como se minha mão fosse solta e saio correndo em direção à abertura do semicírculo às gargalhadas.

Ao fim da experiência, estou muito emocionada e com uma sensação de felicidade que toma conta de toda a minha alma. Um mar de lágrimas molha meu rosto e cada uma delas está repleta da mais intensa sensação de paz.

Foi uma experiência muito viva que, com certeza, reverberou por muitos e muitos dias, meses e ainda ressoa, porém sinto que são passos dados de forma diferente, não são mais passos frágeis, amedrontados e inseguros. A sensação é de que hoje posso ir porque não preciso mais procurar nem buscar nada. Sinto como se agora não tivesse mais que procurar meu pai, mas sim desfrutar de seu convívio a cada instante da minha vida.

Existe uma música muito antiga de um cantor chamado Fábio Júnior. Sempre que sintonizava uma estação de rádio e ela começava a tocar, imediatamente eu mudava de estação. Isso me incomodava significativamente. Porém, ao regressar desse encontro, em uma manhã em que estava sozinha em minha casa procurei essa canção na Internet para ouvi-la. Fiquei muito emocionada, chorei muito, mas ao final tive a plena certeza de que meu pai estava para sempre comigo. A música é:

Pai
(Fábio. Jr.)

Pode ser que daqui a algum tempo
Haja tempo pra gente ser mais
Muito mais que dois grandes amigos
Pai e filho talvez

Pai
Pode ser que daí você sinta
Qualquer coisa entre esses vinte ou trinta
Longos anos em busca de paz....

Pai
Pode crer
Eu tô bem, eu vou indo
Tô tentando vivendo e pedindo
Com loucura pra você renascer...

Pai
Eu não faço questão de ser tudo
Só não quero e não vou ficar mudo
Pra falar de amor pra você

Pai
Senta aqui que o jantar tá na mesa
Fala um pouco, tua voz tá tão presa
Nos ensina esse jogo da vida
Onde a vida só paga pra ver

Pai
Me perdoa essa insegurança
É que eu não sou mais aquela criança
Que um dia morrendo de medo
Nos teus braços você fez segredo
Nos teus passos você foi mais eu

Experiências Compartilhadas

Pai

Eu cresci e não houve outro jeito
Quero só recostar no teu peito
Pra pedir pra você ir lá em casa
E brincar de vovô com meu filho
No tapete da sala de estar

Pai

Você foi meu herói, meu bandido
Hoje é mais muito mais que um amigo
Nem você, nem ninguém tá sozinho
Você faz parte desse caminho
Que hoje eu sigo em paz

Minha experiência com a meditação na Comunidade Santo Amaro

Marlene Silva

Conheci o grupo num momento delicado de minha vida. Estava muito estressada no trabalho – a empresa entrou em processo de falência e eu trabalhava no RH. Vi meus colegas perderem o emprego, inclusive eu, e não receber nada. Fui contratada pelo escritório de advocacia responsável pelas falências, ganhando 1/3 do que ganhava antes, trabalhando muito mais e sem registro. Fui diagnosticada com Transtorno de Ansiedade. O médico recomendou meditação e exercícios físicos com intuito de relaxamento.

As reuniões, às segundas-feiras, têm me ajudado a refletir. Algumas oficinas durante a campanha Medita Santo Amaro me ajudaram a perceber o quanto estava sofrendo violência no trabalho e também a ver que eu tinha virtudes. Se tenho virtudes, tenho potencial, é só acreditar em mim.

Experiências Compartilhadas

Desde 2013, estava com vontade de deixar o trabalho e voltar para outro trabalho antigo (consultoria). Ganharia muito menos na consultoria, mas sou respeitada como ser humano, me sinto útil, pois levo conhecimento aos meus clientes e também teria mais tempo para mim, pois trabalharia menos horas por dia.

Finalmente, percebendo a violência diária e acreditando em meu potencial, tive a coragem de deixar o trabalho, voltei para consultoria no dia primeiro de fevereiro e estou muito feliz.

Hoje, consigo dormir sem tomar remédios, consigo também me concentrar em minhas atividades de trabalho, lazer e familiares. Sou grata a todos que fazem parte da Comunidade Santo Amaro.

Sobre a Cerimônia de Morte

Moisés Valdebenito

Meu irmão

Passam os dias e incrédulo, me repito,
Nelson, onde você está, onde tem ido?

Os seres entranháveis também morrem,
vou chorar até que passe a pena e mesmo a raiva...

“O ser não morre, Moisés”, me sussurra Silo,
“se você faz silêncio, o escuta, o sente, o...
as pessoas não morrem”

Experiências Compartilhadas

Outro guia me diz:

“Pelo contrário, se assim o quiseres
e tomares contato com frequência,
se converterão em guias profundos”

Assim, num belo e luminoso dia,
me dou conta de que meu irmão
não morreu,
que jamais morreu!
e ainda que ele, no princípio
não tenha acreditado
e eu tenha duvidado;
vive, enormemente vive!,
no reflexo dourado do sol sobre as nuvens
ou em algum cálido lugar da mente,
banhado por ondas de afeto.

Assim, de madrugada,
quando a vida amanhece
com sua sinfonia
de aromas, formas e cores,
o sinto, o vejo, converso com ele,
como talvez nunca o fiz antes

Comentários sobre as experiências com A Mensagem de Silo

e a mais formosa paz
vai chegando mansamente,
me inundando o coração.

Sobre o Princípio:
"Quando tratas os demais como queres
que te tratem, te liberas"

Moisés Valdebenito

Todo sagrado dia

Eu te buscava

e você não nascia...

Nem no abrasador deserto do meio dia,

nem nas noites mais escuras do meu desalento.

Nem nos subúrbios

ou nas grandes avenidas

...tampouco, nos sonhos dourados,

...nem nos desencontros cotidianos.

Nas esquinas,
nas luzes de cada semáforo
pedia, de verdade
...e você não aparecia.

Pode ser que algum dia
você cruzou meu caminho
porém, se não te conhecia
e pouco me conhecia, como poderia...?

Depois de mais voltas que idas
e do rotundo fracasso da minha ingênua soberba
indo atrás de corpos auto-afirmativos,
chegou você, disfarçada de jovem e bela.

De repente, um dia...
Não, melhor dizendo:
dia após dia,
de chamada em chamada,
atravessando as inundações cotidianas
e nos ajudando como podíamos,
o coração se me foi derretendo

Experiências Compartilhadas

e fui reconhecendo em você
aquilo que amava e queria...
Desde então,
te busco
e te encontro
todo sagrado dia,
nas manhãs frias
quando tento te tratar
com a doçura que você me trata
e mais ainda.

Ali, nos encontramos,
no mútuo alento,
na amorosa mirada
que alimenta pássaros novos
e árvores desnudas e velhas.

Respirando
o suave sol do inverno
nos abrimos ao caminho,
braços enlaçados,
escutando em silêncio
o trepidar de folhas secas
e o rítmico passo de nosso tempo.

Cuidadosa e amavelmente
entre outros, escurecidos
ou luminosos destinos.

Relato de irradiação da Mensagem de Silo em Recife, Olinda e Igarassu

Samuel Chaves

No dia 22 de março de 2013, iniciamos junto com Adriana mais uma etapa da irradiação do Siloísmo no Nordeste do Brasil. Talvez em condições mais favoráveis que em outros momentos por contar com o Parque Igarassu em processo e principalmente com algumas pessoas do lugar, com a nossa Mensagem parecendo ocupar um espaço cada vez mais significativo em seus corações.

Tínhamos como imagem inicial sondar possíveis lugares onde pudéssemos alugar uma casa ou pousada para os próximos amigos que pretendessem vir. Além disso, havíamos pensado em propor cerimônias nas casas dos contatos feitos nas últimas visitas por lá. Havia um seminário com o tema “Consciência Inspirada” marcado com antecedência na UFPE e queríamos fazer algum dia de encontro com as cerimônias do livro da Mensagem de Silo.

Experiências Compartilhadas

Para mim, essa viagem vinha de um histórico de algumas experiências de ressonância com elementos da cultura afro-brasileira. Imaginava que em Recife ou nas cidades próximas poderia encontrar locais que conservassem uma profunda religiosidade. Pensava que apoiar a irradiação da Mensagem de Silo, que vinha sendo levada adiante por um grupo de amigos há anos, poderia me aproximar de tais propósitos. A imagem se postergou por alguns meses e, após uma viagem ao Parque de Estudo e Reflexão Punta de Vacas, em janeiro do mesmo ano, ganhou força e se concretizou.

Antes da viagem, eu vinha de dias muito corridos em São Paulo, em que havia tido pouco tempo para meditar comigo mesmo sobre a irradiação que iríamos fazer. Mas me animava a ideia de buscar inspiração e fortalecer o esforço de quebrar a dinâmica do cotidiano que vai te afastando cada vez mais de si mesmo e do que realmente é importante. Planificar essas saídas do cotidiano e por consequência proporcionar e canalizar melhor as energias na busca pelo sentido e contato com o essencial também foi um forte componente mobilizador.

Assim, chegamos no dia 22 e nos encontramos com amigos para jantar. Nesse primeiro momento, ficamos instalados na casa de alguns apoiadores em Olinda, e logo depois fomos para um apartamento cedido por uma apoiadora em uma cidade vizinha, Recife.

Ao todo, foram 12 dias em que circulamos por Recife, Olinda e Igarassu. Durante esse período, foi possível re-sintonizar os amigos que estavam próximos da nossa Mensagem, conhecer pessoas, o Parque de Estudo e Reflexão Igarassu e um pouco dos lugares e códigos de lá.

Registros desses dias

A cada dia fomos caminhando em passos pequenos em direção aos nossos corações, buscando encontrar caminhos e formas de nos conectar, fomos fortalecendo a busca do que realmente importa. Alguns momentos com mais inspiração e outros com menos, mas a procura incansável pelo sentido seguia.

Sentia a irradiação feita nesses dias como essencialmente mais um intento na busca por aprofundar no contato com o mais importante, como se as distâncias que percorríamos fisicamente transmitindo nossa Mensagem fossem também os caminhos internos para aprofundar no contato com o nosso coração e dos demais e na consolidação de um estilo de vida.

O fortalecimento da transmissão da Mensagem de Silo como parte importante desse estilo de vida que gravita em torno do contato com o profundo e o registro de dar mais um humilde passo nessa direção são um pouco da síntese desses dias.

*Experiências com a cerimônia de
Ofício na oficina "Consciência
Inspirada" UFPE, 26.03.13*

Samuel Chaves

Antes de sair de casa, começamos o dia pedindo. Pedia para que a Mensagem chegasse aos nossos corações. Após o pedido, senti que os dois (eu e Adriana) conectamos com algo que fez com que se produzisse um silêncio entre nós, e acredito que em cada um, que perdurou até quando já estávamos caminhando na rua.

Depois fomos divulgar e encontrar pessoas na Universidade. Eu sentia muita leveza e facilidade na comunicação deixando o convite para a atividade.

O dia foi passando suavemente e o momento da oficina chegando.

Desde que começou a oficina, até a metade, a comunicação parecia truncada, com os presentes um pouco fechados

(assim eu sentia), como se a comunicação não fluísse. E eu me perguntava em alguns momentos o que fazer. Ou por que as coisas estavam saindo assim.

Em um momento, me dei conta de que nós fazemos nossa parte, mas que não temos como controlar tudo e soltei essa tensão. Depois, as pessoas começaram a falar, se sentia que pouco a pouco as coisas iam se encontrando.

Em um momento, ao guiar a cerimônia de Ofício do livro da Mensagem, fui sentindo que a Força ia se manifestando, olhei para a Adriana e a vi conectada ao meu lado, ia me conectando também e num momento parecia que esquecia o que estava ao meu redor e me via lendo, era como se algo estivesse falando através de mim – me percebi, num momento, como um observador, lendo a experiência.

Num instante, como uma faísca que se desprende da fogueira, como algo que escapa das determinações, da estruturação cotidiana, das dificuldades, da falta de fé, do temor... em um instante, captei algo. Muito rápido. E esse algo me tocou emotivamente, me impactou.

Esse algo que conectou com momentos muito especiais da minha vida, que me indicava, me confirmava, guiava... Que isso era o melhor que eu podia fazer na vida. Transmitir a outros aquilo que é válido, chegar ao coração das pessoas, levar essa Mensagem ao coração das pessoas e ao mesmo tempo ao meu.

Em alguns momentos muito especiais da minha vida havia conectado com isso que vai além de mim, e a comoção sempre foi a mesma.

Em um instante, fiquei emocionado e foi como captar ou conectar com o propósito de chegar ao meu coração e ao

Experiências Compartilhadas

dos demais. De transmitir o melhor dos ensinamentos, o único válido e importante, com humildade e paz no coração. Me vi, com mais tranquilidade, tentando e fazendo aquilo que posso para que esse propósito se expresse.

Ao final, olhava as pessoas e tudo me emocionava... Fiquei um pouco desconcertado, era como se visse nas pessoas esse Propósito em movimento, esse ato que chegava a todos e voltava a me emocionar. Havia um clima de muita alegria e convergência através de uma experiência comum.

“Os que alcançam essa fé ou experiência transcendente, ainda que não possam defini-la em termos precisos, como não se pode definir o amor, reconhecerão a necessidade de orientar outros nesse sentido, mas jamais tratarão de impor sua paisagem a quem não a reconheça.” (Silo, “O sentido da vida”, Cidade do México, 1980)

A Mensagem

Sandra Marangoni

Neste texto, tenho a intenção de registrar algumas experiências que vivi ao longo desses últimos três anos, conhecendo e me aprofundando na Mensagem de Mario Rodrigues Cobos, conhecido como Silo.

Pouco antes de me conectar com A Mensagem de Silo, vivi algumas experiências intensas relacionadas a sonhos sobre a morte que se repetiam com frequência, busca pelo autoconhecimento, experiência de gestação, rompimento de um relacionamento de 13 anos.

Encontrava-me em um período de profunda busca pelo sentido da vida, por uma espiritualidade nova que conectasse com o meu eu e com pessoas afetuosas, onde eu pudesse ser eu mesma, compartilhando a vida da maneira que ela é e se apresenta.

Em setembro de 2015, recebi um convite via Facebook de uma amiga que havia conhecido há 13 anos e fazia uns 10 anos que não nos víamos, a Lourdes. Ela me convidava para

Experiências Compartilhadas

participar da estreia do documentário Silo, um caminho espiritual. Quando vi a imagem do convite, me chamaram a atenção as palavras “caminho espiritual”. Era como se uma voz ecoasse dentro de mim: é isso que estou buscando. Imediatamente respondi ao convite, confirmando minha presença.

No dia da estreia, tive imprevistos e algo dentro de mim parecia dizer “vá prestigiar o documentário”. E fui. Segui minha intuição. Ao chegar no cinema, havia um clima de muita alegria e afeto. Fui bem acolhida por Lourdes, que imediatamente me apresentou o produtor do documentário, Pancho Granela, depois me falou dos encontros entre amigos(as) que acontecia semanalmente e me convidou a fazer parte do grupo. Senti muita gratidão por esse reencontro com essa querida amiga.

Durante o documentário, fiquei impressionada com a biografia de Silo, seus escritos e estudos sobre psicologia, filosofia, espiritualidade, dentre outros. Porém, a parte que mais me impressionou foi quando mostrou uma cena sobre a necessidade de **as pessoas saírem do sofrimento**. Era como se ele estivesse falando para mim. Pensei: é isso que quero, busco e preciso.

Eu me sentia em estado de sofrimento pelas experiências que vivi nos últimos 4 anos de um relacionamento de 13 anos. Apesar de ter consciência de que era necessário o rompimento desse relacionamento, por sentir que eu precisava trilhar outros caminhos, os acontecimentos durante o processo desse rompimento geraram dores emocionais e desafios que requeriam de mim *força interna* diária para ir dando respostas para mim mesma, de modo que eu pudesse ir resignificando e dando espaço para o novo se aproximar.

Como afirmei acima, eu buscava uma nova espiritualidade que fortalecesse e conectasse com minha **força e fé interna**. Ao sair do cinema, tive a sensação de que estava encontrando o caminho. Voltei para casa reflexiva e com o coração repleto de gratidão. Na semana seguinte, comecei a participar da Salinha Butantã².

Na Salinha, um espaço aconchegante, conheci duas experiências que também são chamadas de cerimônias: *Bem-Estar e Ofício*. Em ambas, acontece o ritual de pedir por nós e pelos seres queridos que passam por algum sofrimento, seja de ordem física, social, psicológica ou outra. Durante a cerimônia achei muito bonita a frase: “(...) uma onda de alívio e bem-estar deve chegar até elas”. Imaginei essa onda chegando até as pessoas queridas que eu havia pedido. Na sequência havia outra frase interessante que me conectou com pessoas que foram significativas em minha história:

“Concluiremos esta cerimônia dando a oportunidade, àqueles que assim desejem, de sentirem a presença daqueles seres muito queridos que, ainda que não estejam aqui em nosso tempo e nosso espaço, relacionam-se conosco na experiência do amor, da paz e da cálida alegria.”

Enquanto essa frase era lida, lembranças e imagens de várias pessoas queridas vieram à mente, formando um círculo ao lado das pessoas pelas quais fiz os **pedidos** com afeto e carinho, para que saíssem de seus estados de sofrimento.

Ao término da cerimônia eu parecia sentir a **onda de alívio** que eu havia enviado às pessoas. Era um sentimento forte de **alívio e Bem-Estar**. Voltei para casa reflexiva sobre o meu estado interno. A partir desse dia, eu realmente decidi fazer parte desse grupo de amigos(as), participando sema-

² Um espaço em que os(as) participantes da Mensagem de Silo se reúnem semanalmente para estudar e realizar experiências de meditação guiada.

Experiências Compartilhadas

nalmente dos encontros da Salinha Butantã e dos encontros da Sala Sul de Minas, Parque de Estudo e Reflexão Caucaia e outros.

Na experiência guiada denominada Ofício, lê-se uma ou duas frases enquanto ela é realizada. Uma das frases mais impactantes para mim foi ouvir “Aprende a resistir à violência que há em ti e fora de ti. Aprende a reconhecer os signos do sagrado que há em ti e fora de ti.”

A primeira frase contribuiu para eu começar a me auto-observar com relação a meus estados de violência interna e externa. Tomei consciência de que, se eu me conhecer e permanecer vigilante de meus pensamentos, posso me tornar um ser humano melhor, pois tudo o que penso reflete no mundo de alguma forma. Nesse sentido, fui fazendo um exercício interior de alinhar meus pensamentos com meus propósitos e minhas ações. Se quero um mundo melhor, uma humanidade de paz, preciso ser e viver o que denomino melhor, preciso ser e viver essa paz. Temos a tendência de acreditar que a violência está somente fora de nós, no outro e na sociedade como um todo. Enquanto projetamos para fora, esquecemos de nos auto-observar e perceber que também temos ações e pensamentos que muitas vezes geram violência.

A segunda frase contribuiu para eu me conectar com o melhor que há em mim e naqueles(as) que me cercam. Geralmente olhamos as fraquezas da sociedade como um todo, as fraquezas das pessoas que nos cercam, e isso só tem sentido se for com o olhar da compaixão, de modo que seja um sinal para avançar na busca de valorizar o melhor que há em mim, no outro e na humanidade. Quando meus signos do sagrado se conectam com os signos do sagrado do(a) outro(a),

nos fortalecemos e somamos forças para trilhar o caminho. Penso que é isso que nos importa. E, quando fazemos esse exercício, caem por terra todos os nossos preconceitos, cai por terra tudo aquilo que tende a nos afastar das pessoas. Independentemente da religião, sexo, etnia, gênero, idade, todos(as) temos signos do sagrado.

Essa busca por uma espiritualidade começou muito antes de minha crise existencial de 2015. Quando tinha 10 anos, eu lia revistas que mostravam pessoas em alguns Estados do Brasil e em alguns países da África que estavam sofrendo pela fome ou pela seca. Eu sentia uma inquietação interna com essas imagens, almejava fazer algo pelo(a) outro(a) e por meu crescimento espiritual, pessoal....

No período do cursinho pré-universitário e da faculdade, tive a possibilidade de conhecer um pouco sobre a história das mulheres nessa sociedade patriarcal, dos povos originários, dos povos afrodescendentes e fui tomando contato com tantos fatos de violência que exterminaram vidas em nome da religião, em nome da “civilização”, que precisei rever meus princípios, meus valores, minhas crenças e, de repente, muito do que eu acreditava “caiu por terra”. Era o momento de rever o caminho. Essa revisão tem se dado com os aportes de Silo.

No período da universidade, senti a necessidade de me conectar com as diversas culturas da América latina, reconhecia a importância da diversidade cultural desses diferentes países. Numa quarta-feira, na salinha Butantã, Alexandre Sammogini me fez um convite para ir a Punta de Vacas, em Mendoza, Argentina. Eu me perguntava: o que será que tem nesse lugar de tão especial que todos os anos as pessoas vão para lá? Aceitei o convite e fui me preparando para con-

Experiências Compartilhadas

cretizar essa ideia. Em 2017, comprei passagem e fui. Quando cheguei no lugar, fiquei impressionada com tudo o que vi e vivi. Citarei brevemente duas experiências.

Era o momento de uma experiência guiada, o Ofício. Ao término, senti uma emoção tão forte e comecei a derrubar muitas lágrimas, era algo incontrolável, sem um motivo específico, impossível descrever. De repente, decidi sair do centro da Sala, onde eu estava, e fui em direção à porta. Próxima a ela havia uma pessoa que, como eu, estava muito emocionada. Nos olhamos, sorrimos uma para a outra e nos abraçamos por um longo momento. Começamos a conversar, ela me disse que era do Peru, e quando me falou que era desse país eu me lembrei que um dia sonhei entrar em contato com a cultura dos povos originários. Naquele momento, eu sentia a sensação de que aquele sonho começava a se concretizar. Eu me apresentei e, em seguida, fiz o convite para ela vir ao Brasil conhecer a Sala Sul de Minas. Ela sorriu para mim e disse “eu vou”. Nos tornamos amigas. A partir desse dia, mantivemos sempre contato. Ela veio nos visitar no primeiro encontro de 4 de maio e no segundo. Ficou tão inspirada com as experiências vividas aqui, que no ano seguinte abriu uma salinha em Huancayo. Delma é mais que uma amiga, nos reconhecemos irmãs de coração.

O acontecimento que relato acima vai de encontro com a frase de Silo sobre a suspeita de sentido que diz: “às vezes, uma compreensão total tem me invadido”.

O Pedido

Em Punta de Vacas, dei continuidade a um pedido que comecei a fazer na Salinha desde o primeiro dia que participei. Pedi pelos seres queridos de minha família que

passaram por um grande conflito interpessoal e rompimento de amizade. Essa interrupção gerou muita dor e sofrimento para meu pai e minha mãe.

Em 2018, voltei a Punta de Vacas e novamente reforcei o pedido para os seres queridos de minha família, que já completava 3 anos que estavam afastados, necessitando de reconciliação. Meu pai, serenamente se aproximou e me perguntou: por que você vai ficar tanto tempo em Punta de Vacas? Eu respondi: pai, eu preciso ficar um pouco entre as montanhas. Sinto essa necessidade. Estar lá me faz bem. No fundo, meu pai queria que eu ficasse com ele mais tempo pois seus dias aqui na terra estavam terminando.

Outro pedido que se somava aos que citei era de que os médicos encontrassem o real problema de saúde de meu pai que há seis meses sentia algumas dores. Quando voltei ele estava muito mal, foi internado e tivemos clareza do real problema de saúde dele: um tumor maligno avançado no mediastino.

Entre janeiro e fevereiro, vivenciei a concretização dos pedidos. No momento das experiências que evidenciavam para mim a resposta aos meus pedidos, eu não tinha dúvidas de que A Mensagem de Silo havia tocado as pessoas queridas pelas quais pedi. A cena que projetei de reconciliação para as pessoas de minha família aconteceu exatamente como mentalizei e pedi. No momento dos acontecimentos que revelavam para mim a reconciliação que havia pedido, senti uma profunda paz e um sentimento de certeza de que tudo o que pedimos com muito afeto pelos seres queridos chega até eles e transforma situações que, por vezes, nos parecem impossíveis. Esses acontecimentos vão de encontro ao que Silo diz: “Às vezes, uma alegria imensa tem me envolvido”.

Experiências Compartilhadas

Todas as experiências aconteceram no período de doença, morte e pós-morte de meu pai. Em outro momento, descreverei em detalhes o que estou sintetizando aqui.

Em síntese, participar da Mensagem de Silo verdadeiramente contribuiu e tem contribuído para eu viver uma espiritualidade que brota do mais profundo de meu ser em contato com pessoas muito queridas. O encontro com A Mensagem me reconectou com a busca pelo sentido da vida, que teve início aos dez anos. Sem dúvida, tem contribuído para me aproximar e viver valores que almejei e comecei a viver desde a minha infância. Muito antes de conhecer Silo, eu já fazia pedidos e sentia, percebia e tinha a convicção de que se concretizavam. Ao me conectar com essa nova espiritualidade por meio do documentário Silo, *um caminho espiritual*, senti que voltei para o caminho, direção que sempre busquei.

